



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Colégio de Aplicação



---

Disciplina: Interdisciplinar  
Professores: Aline, Camila, Camilo, Catarina, Ciriane, Diane, Diego, Ivan, Karen, Nara, e  
Narceli  
Alunos: João Gabriel Feijó e Rafaela Rodrigues Faustino  
Turma: 1° Ano A

**Barco vai, barco vem, fortaleza é o que tem**

Florianópolis, 04 de julho de 2017.

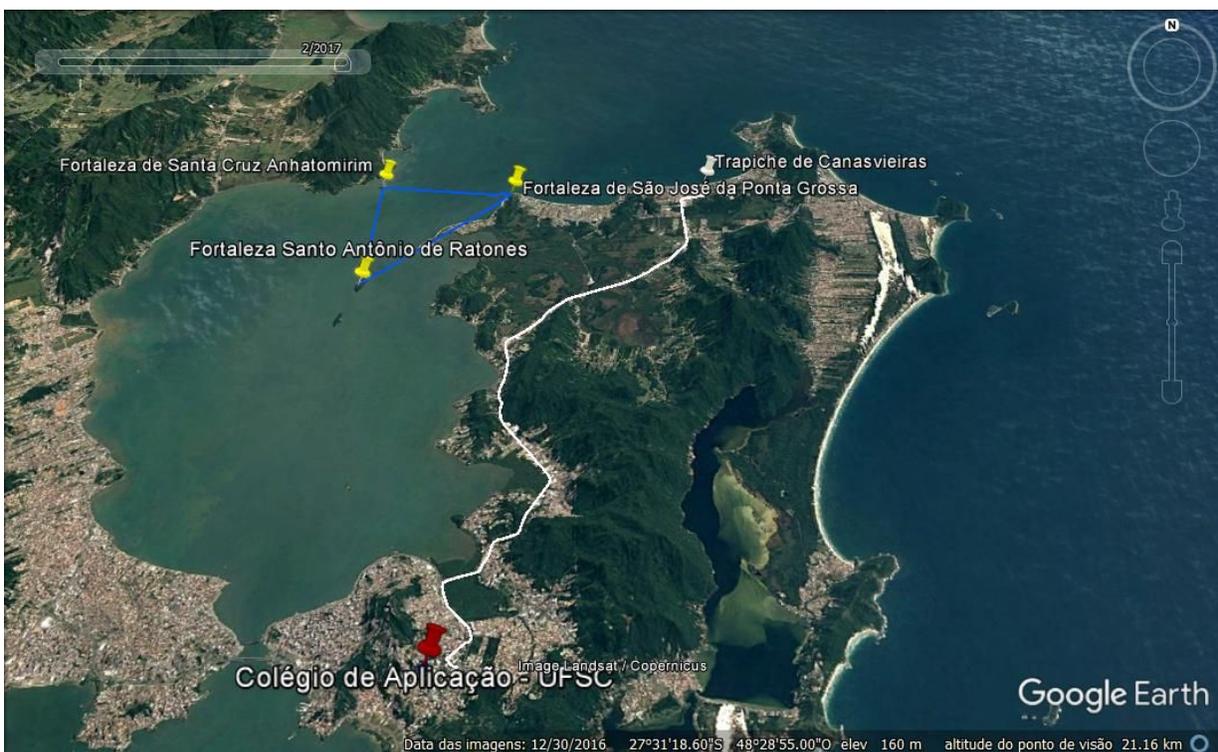
## Sumário

<b>Bem-vindo à nossa aventura</b>	<b>3</b>
<b>Nas ondas do mar e do coração</b>	<b>4</b>
<b>Atracamos, Fortaleza Santo Antônio de Ratonés</b>	<b>6</b>
<b>Próxima e última parada, Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim</b>	<b>7</b>
<b>Zarpamos, rumo à caótica vida terrestre</b>	<b>15</b>

## Bem-vindo à nossa aventura:

No dia 23 de junho, nós, alunos dos primeiros anos A e C, fizemos uma saída de estudos junto à Escola do Mar, localizada em Canasvieiras, a aproximadamente 9,2km do nosso ponto de partida. Os alunos do ensino médio se reuniram no auditório do CA, às 7h30min, horário que as aulas começam diariamente. Durante este momento, foram passadas informações de como seria realizada essa saída e também de como deveríamos nos comportar, coisas que já estamos acostumados a ouvir antes de qualquer viagem. Então, após sairmos do Colégio de Aplicação, às 8h40min, com o clima nublado, porém seguimos com pensamentos positivos, na verdade apenas um dos integrantes dessa dupla, Rafaela, pois o João estava falando que íamos nos encharcar com a chuva que estava por vir e não daria nada certo, mas acreditamos que era só pra irritar, no fundo ele estava aguardando o sol “dar as caras”.

Este passeio em busca de conhecimentos foi realizado tanto por mar quanto por terra. O meio de transporte terrestre utilizado foi um ônibus que pertence ao Consórcio Fênix, empresa responsável pelo transporte público em Florianópolis. Já por mar, foi a Escuna Capitão Noronha, um barco escola. Escuna é uma embarcação, tipo de veleiro caracterizado por usar velas de popa à proa em dois ou mais mastros (proa: frente, popa: trás). Seguimos com um roteiro, no qual passaríamos próximos à Fortaleza de São José da Ponta Grossa (Praia do Forte), faríamos a visitação à Fortaleza de Santo Antônio de Ratonos (Ilha de Ratonos Grande), a entrada na Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim (Ilha de Anhatomirim) também fazia parte e a passagem próximo à Baía dos Golfinhos (Praia de Governador Celso Ramos). Os transportes rodoviário e marítimo e a visitação foram custeados, respectivamente, pelo Colégio de Aplicação/CED/UFSC, pela Escola do Mar/PMF e pelo acordo com o Projeto Fortalezas da Ilha/UFSC.



Mapa com roteiro de viagem, rotas e identificações dos postos visitados.  
Imagem: produzida no *Google Earth*, por João Feijó e Rafaela Faustino.

Assim que subimos no ônibus rumo ao trapiche de Canasvieiras (nosso ponto de partida), nos deparamos com aquele agito que já estamos acostumados diariamente. Logo que o motorista ligou o transporte começaram as músicas e aquela coisa toda sobre os passeios de escola. Nós, João e Rafaela, somos os tipos de pessoas que não curtimos muito pagode, funk, sertanejo, esses estilos que são ouvidos durante as saídas. Então, colocamos os fones e escutamos um “rapzin”, algo muito bom para entrar no clima da viagem.

Chegamos à Escola do Mar por volta das 9h11min, lá nos reunimos e conhecemos o professor Joaquim, coordenador da Escola do Mar e a Taís e o Renato, integrantes do projeto R3 Animal, que tem como atividades o resgate, estabilização e reabilitação de animais marinhos. Ainda em terra, recebemos instruções de como colocar o colete salva-vidas corretamente para o caso de uma possível emergência no mar, o que nós esperávamos que não acontecesse. Após as instruções realizamos uma caminhada pela praia para chegar ao trapiche de Canasvieiras, que não ficava muito distante da EMar. Na praia de Canasvieiras, ao redor, há muitas edificações, a interferência do homem na natureza, porém, essas construções não ofuscaram o brilho desta bela praia. Durante o caminhar, fomos brincando de jogar pedras na água e vê-las “pulando”, acreditamos ter visto a alta tensão superficial estudada em Biologia, foi um momento legal em que nos lembramos dos nossos momentos de infância com a família.

Chegamos ao trapiche e avistamos a Escuna Capitão Noronha, esta que iria nos acompanhar pelos caminhos mais bonitos da Terra, o mar. Alguns metros da embarcação, a Rafaela lembrou que tinha se esquecido de tomar o seu remédio para não ficar enjoada durante o trajeto de barco, porém, João já sabia que ela ficaria mal, pois o remédio deveria ter sido ingerido 30 minutos antes. Depois da medicação, entramos na escuta rumo à Fortaleza de Santo Antônio de Ratonos. Zarpamos 9h30min, acomodamo-nos bem ao centro do barco e não demorou muito para as caixas de som, penduradas nas vigas do navio, emitirem as primeiras palavras. Assim começou a nossa aventura marítima.

### **Nas ondas do mar e do coração**

Joaquim foi quem iniciou a nossa aula diferenciada. Durante as falas do coordenador da Escola do Mar, nos foram passadas algumas informações sobre a vegetação e os nomes de alguns pontos. Através da fala do professor, descobrimos que o bairro de Jurerê tem esse nome, pois os indígenas nativos chamavam o local de Yurere. Algo que nos chamou bastante atenção, tendo em vista que a maioria dos locais é renomeada completamente diferente do que os nativos chamavam. Já nesse início, nos surpreendemos. Fomos informados que estávamos perto da ilha de Ratonos Pequeno, logo em seguida, veio à informação sobre a vegetação que era Mata Atlântica primária, e por lá ocorria à migração frequente de diversas espécies de aves. Após essa breve fala sobre as aves, foi passado o microfone para Taís.

Taís, como já falamos, é integrante do projeto R3 Animal. Esta foi uma profissional que nos informou sobre diversos animais que nem tínhamos ideia de estarem presentes em Florianópolis e arredores, já outros estamos bem familiarizados com o nome.

Os pinguins foram citados durante essa grande e recompensadora fala. Então, estes chegam a Florianópolis muito magros e precisando de uma alimentação reforçada. Ela nos disse que caso avistemos um desses na faixa de areia, devemos colocá-lo numa caixinha e levá-lo para o tratamento. Lá ele receberá todos os cuidados. Você sabia que na reabilitação de muitos pinguins é utilizado aquecedor? Aqueles que usamos em casa, no inverno. Nesse caso, as aves precisam ficar quentinhas, diferente do que imaginávamos, pois, como vemos na televisão os pinguins em locais extremamente gelados, acabamos concluindo que deveríamos colocá-los em freezers, mas como eles perderam muita gordura até chegar aqui, é necessário o aquecimento. Ficamos assustados ao ouvir aquecedor e pinguins na mesma frase, mas, depois de toda a explicação, ficamos encantados com o trabalho realizado pelo projeto. Outro fato que chamou a atenção sobre essas criaturas é como buscam soltá-las, em bandos, de, pelo menos, dez pinguins, porque, se soltos sozinhos, às vezes, podem não ter muita noção para onde ir e acabarem morrendo.

Outras aves que tomamos conhecimento, estas que nunca tínhamos ouvido falar, são os Atobás e as Fragatas. Eles aparecem às vezes doentes, com a asa machucada e outros tipos de problemas. Como eles usam muito a asa para se locomoverem, acabam aparecendo com luxações nelas, e então são levados para a recuperação, onde fazem fisioterapia e depois vão para soltura.

Outro animal, que foi anunciado pela Taís, são as tartarugas. Nós ficamos chocados ao saber o que tem sido encontrado dentro das tartarugas, quando as veterinárias fazem as necropsias, pois é muito lixo, pedaços de corda, tampinha, muito plástico. Inclusive, a Taís disse que tinha uma colega dela que fez um estudo mostrando a coloração do lixo que as tartarugas comem. Então, o resultado é que elas acabam selecionando o tipo de lixo para comer, por exemplo, os plásticos da cor azul, mais ou menos da cor da água, elas acabam não optando muito. Elas escolhem mais materiais brancos, transparentes, verdes, ou seja, a coloração daquilo que já é o alimento delas, algas, águas-vivas etc.

Outra coisa que o projeto também tem contato são os mamíferos marinhos. Inclusive, quando a saída foi realizada, eles estavam com um leão marinho na costa catarinense, foi encontrado em Balneário Camboriú. A equipe do projeto R3 Animal foi lá pra fazer a avaliação desse animal, ele estava bem, não precisou levá-lo para a reabilitação. Alguns animais marinhos nunca são levados para a R3 Animal, por exemplo, os lobos marinhos, pois existem espécies que, se você levá-las para tratamento dentro de um cativeiro, num espaço onde são tratados, e soltar, é possível que eles levem doenças daqui para a colônia onde eles vivem e, assim, acabam matando toda a colônia com essa doença. Então, o máximo que o pessoal conseguir evitar esse contato com eles é melhor, pois estão evitando possíveis problemas.

Também foi falado sobre os botos. Nós temos na Baía Norte o Boto Cinza e o Boto da Tainha. O Boto Cinza vive na Baía Norte, a área de distribuição desse golfinho é desde Floripa até a América Central. Já o Boto da Tainha só é encontrado aqui, Florianópolis é o único lugar no mundo que tem essa espécie.

Sabe as famosas Toninhas? Nós pudemos ver mais sobre elas também, descobrindo que são golfinhos muito pequenininhos, chegando ao máximo 1,60 ou 1,70 de comprimento. E é muito difícil conseguir ver as toninhas no mar, elas são muito discretas, não pulam, não se exibem. Mas como saber que há muitas toninhas? Foi-nos explicado, a Taís informou,

que a toninha é a que tem o maior índice de mortalidade entre os golfinhos. É um golfinho muito sensível, se ele ficar preso numa rede ou alguma coisa, ele acaba morrendo em alguns minutos, ficando muito estressado.

Outro mamífero que tem no litoral são as baleias, Baleias Francas e Jubarte. Nós, inclusive, já conseguimos ver, ali no mirante do Morro das Pedras, as baleias pulando e tal. Em setembro, é quando se tem o pico de baleias, também é quando tem o maior número de encalhes. Elas ficam passeando aqui e depois elas voltam. Um fato, que era desconhecido por nós, é que elas não se alimentam aqui, os únicos que se alimentam são apenas os filhotes.

A gente também tem em Florianópolis as Baleias Minke, Foca Caranguejeira e Orca. Têm-se registros de Orcas nos Ingleses, Moçambique e Santinho. A Orca é chamada de baleia, mas, na verdade, é só pelo tamanho, pois elas são parentes mais próximos dos golfinhos do que das baleias mesmo.

Nós ficamos abismados ao saber que 80% da vida marinha se reproduzem próximo dos estuários, ou seja, lança os seus filhotes. Eles entram nos rios, buscam lugares rasos nos manguezais que têm nutrientes e alimentos, onde os predadores maiores não conseguem pegá-los, e quando crescerem e ganharem tamanho eles fazem o ciclo da vida, voltam para o oceano, crescem, reproduzem, envelhecem e morrem. Então, ao acabar com o manguezal, você está ignorando que 80% da vida marinha precisa deste local para a sobrevivência. Há muitos problemas nos manguezais, como assoreamento, intoxicação desses animais etc.

Muitas pessoas acreditam que o que fazem na vida terrestre não tem interferência no mar, mas há uma grande interferência. O que vem da nossa pia da cozinha muitas vezes desemboca no mar, isso é só um exemplo. Algo que nos chocou bastante e ficamos até assustados com uma informação passada pela Taís, falando que os anticoncepcionais, esses que as mulheres tomam, grande parte dos componentes deles vão para a urina. Então, esse método contraceptivo acaba influenciando no ciclo hormonal das fêmeas que vivem no ambiente aquático, isso é muito louco e jamais iríamos imaginar.

Tudo o que a Taís passou para nós foi muito importante e curioso. Foram longos minutos de explicação, muito produtivo e grandioso para o nosso conhecimento. Durante todos os esclarecimentos, nós ficamos tirando fotos e comentado, entre nós, o que era apresentado. Após isso, ficamos livres para conversar e “aproveitar” o balanço do mar.



Captura feita próximo à Baía dos Golfinhos.

Foto: João Feijó.

Estávamos navegando com a escuna, tranquilos, até que a nossa esquerda, se encontra o Forte de São José da Ponta Grossa, que vimos no primeiro trimestre nas aulas de Estudos Latino-Americanos (ELA). Ele foi construído pelo famoso brigadeiro José da Silva Paes, no século XVIII. O mais incrível é que ele foi tomado pelos espanhóis sem precisar dar um único tiro. Esta fortificação também fazia parte do sistema triangular de defesa da ilha de Santa Catarina, construído pela coroa portuguesa para garantir a manutenção desse território. Este era de grande importância, pois os navios, que iam em direção à Baía do Prata, atracavam nessas regiões para reabastecer, sendo assim um ponto estratégico.

### **Atracamos, Fortaleza Santo Antônio de Ratonés**

Logo depois da admiração pela primeira fortificação vista do mar para a terra, chegamos à Fortaleza de Santo Antônio de Ratonés, pisando em terra firme às 10h38min. Foi nesse momento que a Rafaela deu graças a tudo, pois estava super enjoada e tonta. Vocês lembram que ela só tomou o remédio quando viu a embarcação? Então, nem adiantou muito tomar o medicamento, pois ela ficou ruim igual. Porém, as atividades não param por aí, continuamos gravando, tirando fotos e escutando tudo o que o professor tinha a nos dizer. Mas, logo de cara, já encontramos uma grande dificuldade no nosso caminho, a chegada à fortaleza. Para acessar a fortificação, precisaríamos enfrentar uma rampa feita de cabeças de pedra muito escorregadias, que dificultam muito o nosso acesso. Então pensamos que, se para nós, estudantes que possuímos todas as mobilidades do corpo, tivemos um grande obstáculo e muitas “quase” quedas, imaginamos colegas com deficiência ou mobilidade reduzida. Não teria uma segurança e eles não conseguiriam realizar as atividades sozinhos, eles correriam muitos riscos.



Rampa de acesso a Fortaleza Santo Antônio de Ratonés, foto: Rafaela Faustino.



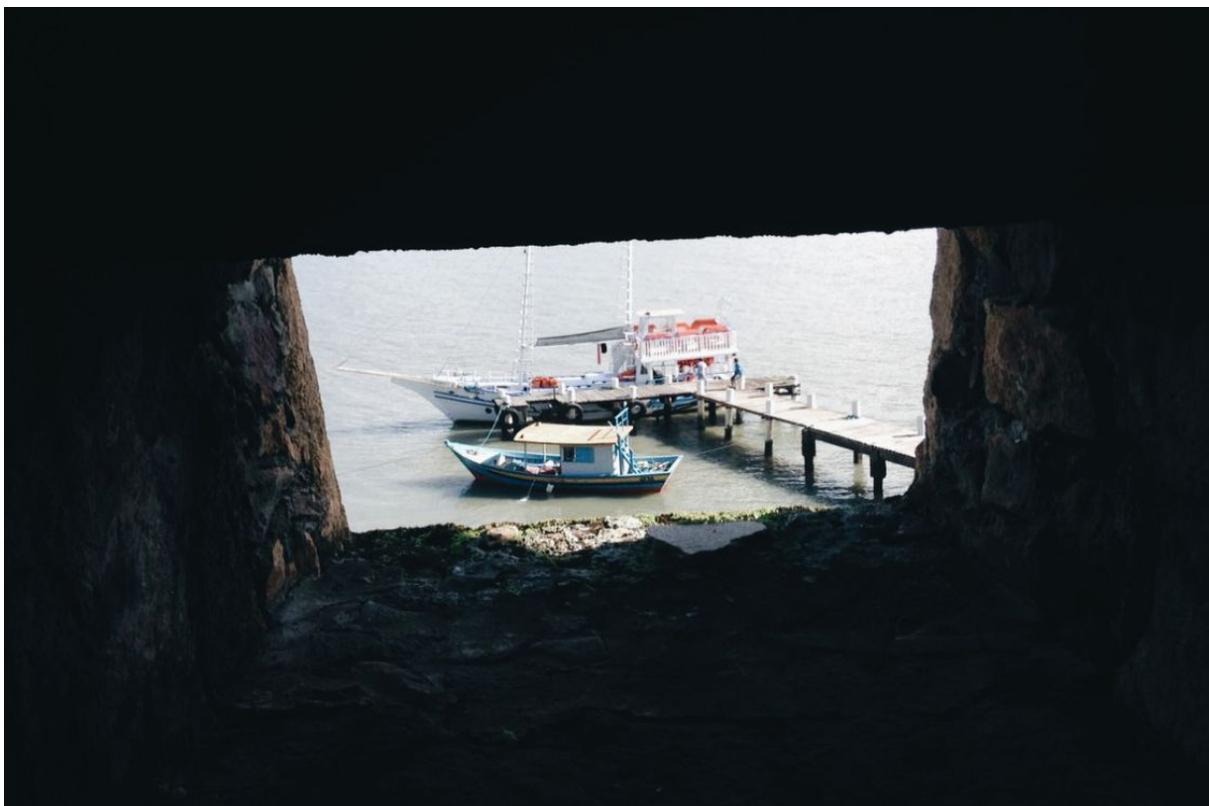
Torre de vigia na Ilha de Ratonés Grande, Foto: Rafaela Faustino

Assim que discutimos a questão da acessibilidade, nós nos ajudamos a subir apoiando um no outro, principalmente a Rafaela, que tem um grande histórico com quedas. Em seguida, nos posicionamos em frente à Casa da Palamenta, nesta construção, eram guardados os apetrechos utilizados nos canhões. Foi aqui que recebemos as mais diversas informações sobre o forte.

Nós já havíamos estudado em ELA, mas o Joaquim nos informou que a restauração foi feita pela UFSC, que encontrou o local em ruínas. Como é uma restauração, foram utilizadas técnicas e materiais da época, os possíveis, óbvio que na restauração não usaram o óleo de baleia, um dos componentes presentes na construção da fortificação. O forte da ilha de Ratonés Grande era feito de barro, areia, cal das conchas locais, pedras da ilha e o já citado óleo das baleias, que eram caçadas na região antigamente.

Nós imaginamos como chegava a água doce até a fortificação, pois para todos os lados que olhamos vemos água, porém, é salgada. Então surgiu a dúvida, “como era realizada a captação de água na ilha?”, descobrimos que os portugueses captavam a água da chuva, o guia disse inclusive, e nós também vimos que tinha um arco na ilha para fazer isso.

Esta era a última fortaleza, caso os inimigos passassem pelo sistema triangular, nessa fortaleza ficava uma armada (embarcação), para levar os indesejados para perto da Fortaleza de São José da Ponta Grossa e Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, essas com um maior poder de fogo. Porém, quando os portugueses avistaram cerca de 15 mil espanhóis, fugiram. Dizem que os soldados portugueses eram mal remunerados, tinham soldos atrasados pela coroa, o forte possuía um poder de combate inferior ao dos espanhóis etc.



Vista da Casa da Guarda para o trapiche de desembarque na Ilha de Ratoes Grande,  
Foto: Rafaela Faustino.

Algo muito curioso é que, na Primeira e Segunda Guerra Mundial, a fortaleza foi convertida em um leprosário, ou seja, um local onde as pessoas com doenças contagiosas (incluindo lepra) eram deixadas. Mas como eles sabiam disso? Segundo o coordenador da Escola do Mar, foram encontrados corpos enterrados com os seus pertences e esta era uma característica de enterrar as pessoas com esses tipos de doenças.

Após as explicações, o coordenador da Escola do Mar nos deixou tirar fotos de todo o local por 25 minutos, antes de dar o sinal que significava a nossa volta para o barco. Aproveitamos para olhar a casa da guarda, as torres de vigias, o aqueduto, a cozinha (que ficava na rua, porém, não nos remeteu a uma cozinha) etc. Mas o que mais nos chamou a atenção foi o Quartel da Tropa, pois neste havia vários quadros com informações, porém, era impossível ler alguma coisa com a fonte da letra ultrapassada, os painéis onde estavam sendo expostos estavam muito sujos e danificados. Essa parte foi bem triste, pois acreditamos que ali tinha várias informações sobre o forte. Foi de muita dificuldade ler algumas frases soltas, aqui voltamos a pensar nos nossos amigos que tenham alguma dificuldade, por exemplo, falta de visão. Após esse momento sem entender como algo impossível de ser lido estivesse ali para exposição, voltamos a tirar fotos e usamos os poucos minutos restantes para aproveitamos também para tirarmos fotos da bela vista e apreciá-la.

Infelizmente não conseguimos aproveitar tudo na ilha, pois com as fortes chuvas que vinham ocorrendo ao longo da semana, a trilha ecológica que permite dar a volta em torno do forte estava proibida, pois corria o risco de deslizamento. Nessa fortificação havia uma quantidade significativa de árvores, principalmente na parte de atrás das construções.



Imagens feitas na Ilha de Raton Grande.  
Fotos: João Feijó e Rafaela Faustino.

Ficamos maravilhados e em transe com a vista que tem do Quartel da Tropa para o mar, até que somos despertados pelo som do navio, hora de partir. Pegamos o caminho das águas às 11h30min, rumo à Ilha de Anhatomirim, sempre colocando o colete.

### **Próxima e última parada, Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim:**

Nessa parte, o balanço do mar foi bem melhor e mais relaxante, apesar do forte sol que estava fazendo, por volta das 11h45min. Para embalar as nossas ondas tanto no mar quanto do coração, tínhamos de trilha sonoras diversas músicas do estilo reggae. Cheias de amor e pensamento foram assim até atracar no forte de Anhatomirim. Até que escutamos um dos tripulantes gritar “Para, para, para, pegou, vira, vira, pegou!”, não entendemos nada, aí o outro também gritou para quem estava comandando a embarcação “Pegamos uma rede, vira, sai”. Aí entendemos tudo, o barco passou bem ao meio de uma rede de pesca, nós começamos a rir, mas pode ter certeza que foi de nervoso, mas saímos ilesos, igual a rede.

Após as emoções, pisamos em terra por volta de 12h25min, assim que atravessamos o trapiche e passamos rapidamente pela catraca de controle de estudantes, corremos para

lanchar. Nos ajeitamos em frente ao antigo armazém da ilha, este que tem mesas de plástico e guarda-sol para realizarmos a refeição, que foi feita de frente para o mar. Nós combinamos de levar várias comidas e fazer um lanche compartilhado. Porém, não fomos muito saudáveis, levando bolos de chocolate, salgadinhos, biscoitos recheados, mas não foi só isso, também levamos torta salgada, pão com queijo, broa de milho etc. Estava tudo muito bom, porém, foi uma correria, quase não deu tempo de conversar, sim, nós queríamos ter ficado conversando e apreciando aquela linda vista. A expedição ilha adentro começou com uma concentração em frente à Portada, na Escadaria de Lioz.

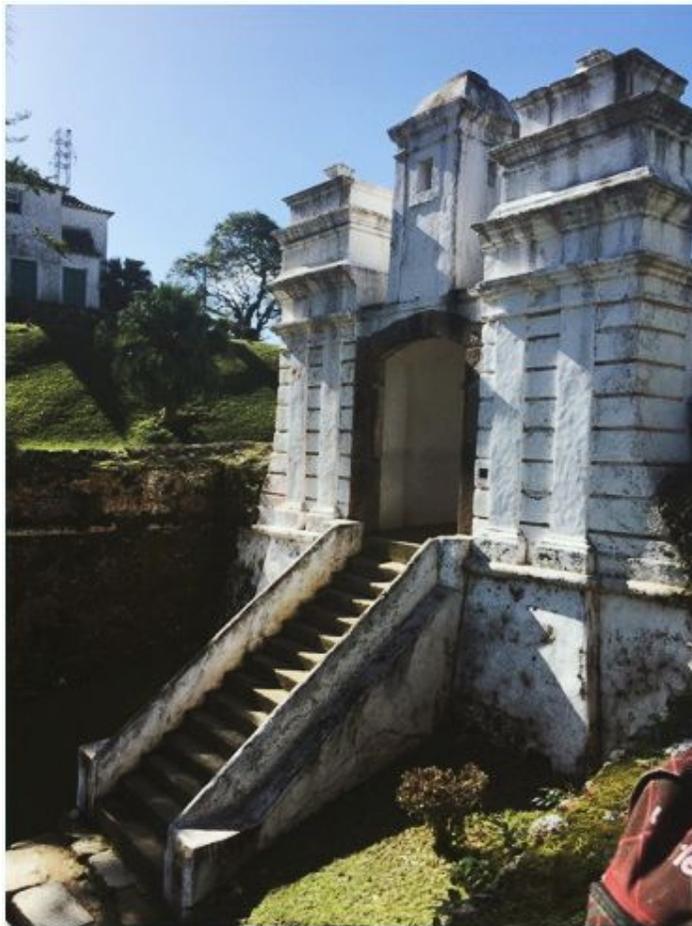
Assim que todos chegaram foram tiradas fotos e passadas as primeiras informações sobre esta ilha. A primeira coisa que perguntaram foi para saber se tínhamos conhecimento sobre “lastre”, falamos que não, assim Joaquim explicou que a lastre é um peso que há na embarcação para que ela possa equilibrar e navegar com segurança. Por exemplo, a embarcação que tinha, em torno de duas toneladas de brita no fundo, espalhada. Isso faz com que ela afunde um pouco, assim, ficando mais segura e mais firme pra navegar. Então, essas pedras, que no caso era o lioz, muito abundante e sem valor aos portugueses, vieram como lastre. Mas elas tinham um grande valor na fortaleza por não criar limo. Facilitando então na manutenção e na circulação dos soldados. Quando eles tiravam esse lastre, eles tinham que repor com outro, assim escolhendo as árvores de extremo valor em Portugal, árvores que tinham na ilha.

Durante as informações, também tivemos um comunicado alando que ali existia a casa dos remeiros, que foi demolida. Essa fortaleza, assim como a outra visitada, foi encontrada pela universidade, abandonada. Mas qual era a tarefa dos remeiros, então? As embarcações atracavam lá fora, os remeiros carregavam e traziam as mercadorias para a ilha e distribuíam, por exemplo, o que era remédio ia pra casa do médico, o que era armamento para o paiol, o que era roupa ia pra intendência, alimento ia pra casa da farinha e assim era distribuído em toda ilha.

Algo que foi estranho e engraçado é que tudo o que o Joaquim perguntava o que parecia ser, o pessoal dizia que lembrava uma igreja, mas todos os palpites estavam errados. Em Anhatomirim, foi a portada, essa que observamos na subida. É incrível, pois tem uma construção que remete muito a arquitetura chinesa. Mas o que Portugal tem com isso? Essa construção está lá porque Portugal tinha uma colônia na China, em Macau. Então em homenagem a essa colônia, José da Silva Paes, fez essa construção. Outra coisa que o brigadeiro fez, ele aproveitou a geografia do lugar e fez um funil, para dificultar o avanço de uma tropa inimiga, além de colocar o inimigo em fogo cruzado.

Mas não escutamos apenas sobre as construções, portugueses etc. Também algumas coisas sobre os nativos de Florianópolis. Foi-nos falado que as árvores existiam em todos os terrenos no interior da ilha, era chamada Nogueira, dentro ela tem um fruto chamado Castanha, uma Castanha que você quebra e lá tem uma massa de gordura. Com isso eram feitos sabão, chamado de sabão de anadia. Então, as pessoas utilizavam os recursos da natureza, pois ninguém tinha o dinheiro em mãos, se faziam o sabão. Mesma coisa com os colchões, os colchões eram feitos com capim e palha. E os travesseiros, quem tinha ganso faziam com pena de ganso, mas quem não tinha fazia com uma cela que tinha um cheiro muito ruim. Então o cheiro daquela época, não é o cheiro que é hoje, hoje vocês usam perfume, creminho, creme para o cabelo. Naquela época não tinha isso, tudo muda, até mesmo os cheiros. Já tínhamos escutado algumas coisas sobre esse sabão, mas não dessa forma que Joaquim nos mostrou, muito bacana!

Após as explicações subimos a escadaria de lioz, esta que nossos colegas que possuem alguma dificuldade de locomoção não conseguiriam seguir conosco, pois não há nenhum tipo de adaptação. Continuamos a subida, agora não havia mais nuvens e o sol estava a “todo o vapor”. Ao subir, paramos em uma área verde com grama, ao lado do vestígio da capela. Foi ali que entendemos um pouco melhor sobre a construção da época.



Portada e Escadaria de Lioz, foto: Rafaela Faustino.

Percebemos que os cômodos têm janela e mais um monte de portas. Vocês sabem pra que tanta porta? Para sair correndo, para “meter o pé”, isso sim. Pois é um quartel, tem que ter estratégias militares para fuga, então, percebemos que os cômodos são todos interligados, algo bem estranho se for pensar que moraram pessoas ali, é como uma casa, em que no seu quarto possuem duas portas, essas conectadas com outros quartos que tem o acesso ao seu.

Fomos informados pelo Joaquim, que paiol de pólvora estava estrategicamente num lugar ótimo, pois o tiro de canhão era um tiro de linha reta, de ricochete. Mas quando desenvolveram o tiro de parábola, começaram a inclinar o canhão, ou seja, o que era tão estratégico, agora era alvo de risco. Assim, eles fizeram um segundo paiol de pólvora, construído de uma igreja que tinha na ilha, uma capela que já foi demolida. Essa capela era de aproximadamente o tamanho da capela que tem lá na Lagoa da Conceição, uma grande.

Na ilha também tinha a casa do médico, essa de cor amarela. O que tem de amarelo lá no centro? Camelódromo, Mercado Público, Catedral, isso porque remete ao mesmo tempo histórico. E branco? O que tem de branco lá no centro? A casa Vitor Meireles, por exemplo.

E por último, outra curiosidade: havia um pequeno túnel na ilha, e uma lenda dizia que se alguém passasse por baixo dele, esta pessoa teria o seu sexo trocado. Esquecemos de perguntar se essa lenda era moderna, antiga, ou inventada pelo próprio professor.



Vista para a Portada, Paio da Pólvora, atual museu e a Casa do Comandante.  
Foto: Rafaela Faustino

E foi assim que Joaquim terminou suas falas e liberou para explorar a ilha e fotografar os detalhes. Esses momentos foram bem aproveitados para ver tudo, todos os pontos falados pelo coordenador da Escola do Mar e para fazer aquela foto para o Instagram. Não conseguimos ir ao túnel, mas esse momento de visita as construções foi muito legal e gratificante, pois estávamos vendo aquilo que lemos e escutamos durante anos sobre as construções, as estratégias, o momento etc. Algo muito único, pois foi a primeira vez que tivemos esse contato com a história daquele local. Novamente, vimos que não seriam possíveis os nossos colegas com alguma deficiência ou com mobilidade reduzida, pois em nenhuma ilha visitada tinha rampa, piso portátil, parras de apoio etc.

Após as fotos e o curto período de liberdade durante a ilha, nos reunimos novamente para então prosseguir por uma pequena trilha, essa pela qual passaríamos por uma árvore de araçá, que tinha o nome de “Árvore dos Enforcados”. Ouvimos um pouco sobre os indígenas que originalmente habitavam o local antes dos colonizadores portugueses. Os

nativos acreditavam que as pessoas continuavam tendo suas personalidades após a morte, ou seja, pessoas boas continuariam sendo boas, e pessoas maldosas virariam espíritos malignos que atormentariam os vivos. Por isso, as pessoas boas eram enterradas em sambaquis (pilhas de conchas, ossos, frutos etc.), e as pessoas más eram enterradas em outras ilhas, pois acreditavam que os espíritos não sabiam nadar, e não viriam a sair de seu local de sepultamento. Essas informações foram grandiosas e nos fizeram despertar, pois naquele ponto havíamos nos esquecido de que havia nativos naqueles lugares, e que os portugueses invadiram seus lares e os exterminaram.

Ao passar pela Árvore dos Enforcados, fomos para a trilha, essa que tinha muitos mosquitos, muitos mesmo. Durante a caminhada, passamos pelo telégrafo, uma espécie de e-mail da época. Telégrafo é um sistema em que envia mensagens por código, esses que são sinais por som, codificados, muito seguros. Na ilha de Anhatomirim foi construída uma Estação Radiotelegráfica, esta que modernizou rapidamente a fortaleza.

Nessa fortificação encontramos uma vegetação menor do que na Ilha de Ratoles Grande, questão de proporção. Tendo em vista que essa é bem maior do que a primeira visitada. Em Anhatomirim, o terreno era mais acidentado, com subidas e descidas, já na Fortaleza de Santo Antônio de Ratoles, o terreno era mais plano, pelo menos na parte visitada por nós. Porém, neste forte também tinham muitas árvores, que na época foram levadas pelos portugueses como peso para que a embarcação possa equilibrar e navegar com segurança, as árvores substituíam o Lioz que vinha de Portugal fazendo esse equilíbrio.



Imagens feitas na Ilha de Anhatomirim.  
Fotos: Rafaela Faustino.

Depois de respirar toda essa história, apreciar e entender um pouco melhor tudo o que ocorreu, como um filme, pois já tínhamos lido o roteiro, agora foi as cenas, o cenário. Assim, após essa bela vivência, foi feita a concentração, a chamada para então partirmos para o barco. Nos acomodamos, já num clima de despedida, tanto das ilhas, das fortificações, do passado de tudo, junto com o vasto mar. Zarpamos 14h01min, assim, damos o nosso adeus as ilhas, foi um grande prazer. Talvez não um adeus, mas sim, um até logo, esperamos.

### **Zarpamos, rumo à caótica vida terrestre:**

Já no mar, com aquela brisa gostosa e o cheiro de maresia, marcaram o melhor momento na escuna, foi na nossa volta, essa que aproveitamos para tirar fotos juntos e das paisagens. Demos muitas gargalhadas, contamos histórias e novamente refletimos sobre tudo. O mar é algo mágico, pois temos outra visão de mundo, sempre olhamos da terra para a água e nessa experiência foi super diferente, nos permitiu colocarmos para pensar quem somos nesse vasto mundo. Não foi uma saída apenas para conhecer a história que foi vivida lá, mas também a história que ainda iremos fazer. Carregamos algo muito bom das ilhas, das construções e do barco conosco, algo acendeu em nós, algo único.



Nós, Rafaela e João na Escuna Capitão Noronha.  
Foto: Júlia Mayer.

Foi um longo caminho de volta, mas pareceu que o mar tinha encolhido, estava chegando a hora da despedida. Chegamos, terra, 15h15min. Descemos e saímos correndo, dando o último tchau para a escuna e, assim, guardamos no coração a sete chaves, os balanços e os momentos vividos no vasto mar. Com esses momentos seguimos em um passo acelerado para conseguirmos lugares sentados, esquecemos de dizer que algumas pessoas vieram em pé no ônibus e como somos bem sedentários não quisemos correr o risco de isso acontecer. Não aconteceu! No ônibus rolou novamente um lanchinho coletivo, mas estávamos cheios ainda, assim, não sendo tão proveitoso. Partimos da Escola do Mar 15h22min. Agora o Colégio de Aplicação se encontra mais perto! Alguns colegas ficaram pelo caminho, nos terminais de integração, TICAN e TITRI. A volta foi um silêncio dentro do transporte e acreditamos que todos ficaram muito cansados assim como nós. Uma viagem, sim estamos chamando uma saída de 9,2km de viagem (risos), nos cansamos com a correria e toda essa energia transmitida. Chegamos!

O ônibus para 16h30min em frente ao CA, então, descemos com as nossas mochilas, agora mais vazias. Despedimo-nos e caminhamos cada um para um lado, cada um para sua casa, sua vida. Assim, se encerrou um belo dia de viagem, um dia em que o sol logo no início ficou meio tímido, mas depois já estava lá, grandioso e nos aquecendo, todo maravilhoso!

Partimos! 😊